

# MODERNIDADE E EDUCAÇÃO: AS RELAÇÕES E OS DESAFIOS DO HOMEM DIANTE DAS ANTIGAS E NOVAS FORMAS DE CONHECIMENTO<sup>1</sup>

Ezir George Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** A pesquisa inscreve-se nos discursos e debates sobre o Racionalismo, relativismo e a pluralidade no contexto educacional, social, histórico brasileiro. O objetivo do trabalho é analisar os pressupostos dos impactos da modernidade sobre a educação e o homem moderno. O texto discute o surgimento da modernidade, seu desenvolvimento, sua crise e a discussão em torno do conceito e da cultura do “pós-moderno”. Seu impacto sobre a educação, no que tange à racionalização do conhecimento e sua mudança conceitual, acabou desembocando numa grande crise de paradigmas que afetou diretamente as instituições sociais, a problematização dos conteúdos com suas implicações para a prática e postura do professor e a relativização cultural, como expressões e aspectos da experiência, das potencialidades e vivência dos discentes. Por fim, a pesquisa pretende identificar os pressupostos da modernidade, à luz da discussão pedagógica em torno da construção do processo educacional e da formação do homem, considerando suas descobertas, limites e possibilidades, compreendendo que a beleza de sua existência consiste num eterno vir-a-ser no âmbito de uma cultura globalizada e democrática.

**Palavras-chave:** modernidade; pluralidade; educação.

## Introdução

O homem é, por natureza, um ser de relação. É a partir da relação com o mundo e com os demais seres criados que sua existência ganha significado. A significação do ser humano passa por um processo tanto de ordem passiva como ativa, ou seja, ao mesmo tempo em que ele sofre a influência da realidade, também se vê como um ser capaz de intervir nela.

Pensar e intervir na realidade são especificidades puramente humanas. O homem é o único ser capaz de compreender e apreender os aspectos pertinentes à sua existência. São justamente essas habilidades que fazem do homem um ser que interage, que se comunica e que se faz compreender através dos processos de comunicação e interpelação. Por ser um sujeito de relação e intervenção é que o homem pode também descrever-se como um filósofo por natureza, isto é, como alguém que, existindo no mundo e para o mundo, não pode assumir uma postura de neutralidade. Movidos por esse senso de não neutralidade que pretendemos analisar o impacto dos pressupostos filosóficos e sociológicos da modernidade e da pluralidade sob a educação.

Para descrever o caminho desse estudo buscamos o referendo de Richardson, quando afirma que “A principal ferramenta de sobrevivência do homem é sua mente”. Para ele “a mente humana está diretamente relacionada com nossa existência” (2007, p.20). Pensar a existência e a sobrevivência do homem a partir da sua capacidade de indagação e interpretação é, acima de tudo, passar a vê-lo como um sujeito cujo entendimento é o resultado da construção de sua realidade. Assim, outra teórica, Minayo, define o conceito de metodologia como sendo “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (1994, p.16).

É com base na capacidade do ser humano de pensar, refletir e interpretar a sua própria realidade que nos propusemos a analisar o impacto da modernidade e da pluralidade sobre a instituição educacional destacando seu papel, seus meios de produção de sentido, as formas e as influências do pluralismo.

Quanto aos procedimentos metodológicos, desenvolvemos nesse trabalho uma pesquisa qualitativa, que segundo Richardson,

“[...] pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos” (2007, p. 90).

Debruçamo-nos sob a entrevista semidirética, como procedimento de coleta de dados, por considerarmos que é importante a análise do material produzido com relação aos aspectos que envolvem o tema proposto, trazendo as contribuições de cinco professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA). Dessa forma, assumimos a postura de sujeito investigador, pretendendo analisar e interpretar as falas dos sujeitos que trazem as suas compreensões sobre o impacto desses pressupostos sobre a sociedade e o homem moderno.

No primeiro momento, estaremos pensando sobre a modernidade enquanto caminho para o futuro, seu surgimento, desenvolvimento, ascensão, potencial, sua crise e a discussão em torno do conceito e da cultura do “pós-moderno”. Num segundo momento, trataremos sobre o impacto da modernidade e do pluralismo sobre a instituição educacional, no qual falaremos sobre a racionalização do conhecimento, a problematização dos conteúdos e a relativização cultural no contexto da cotidianidade.

## **Pensando a Modernidade**

### *O Surgimento da Modernidade*

Batista Mondin afirma que para Aristóteles “o homem é por natureza um animal político” (2003, p.103). Quando pensamos no homem enquanto ser político, pensamos, antes de tudo, no homem enquanto ser histórico, em alguém que interage e se relaciona o tempo todo e em todos os tempos com tudo aquilo que acontece nele e ao redor dele. Pensar a modernidade é muito mais do que definir conceitos e repetir idéias; é, acima de tudo, pensar o homem tanto no seu aspecto político quanto histórico e social, suas descobertas, encontros

e desencontros, aspirações e desencantos, sonhos e pesadelos, conclusões e dúvidas, certezas e ambiguidades, grandezas e fraquezas, suas ideias e seus ideais.

A modernidade foi e tem sido celebrada como o caminho do futuro, com sua tecnologia, seu conforto, seu potencial e possibilidades. A sociedade moderna, por sua vez, foi e está marcada pelo signo do novo e da diversidade, pela inquietação e ruptura do homem com as instituições, as antigas e tradicionais formas de saber; por pensar e analisar a vida e o mundo à sua volta, um novo ponto de partida, de construção, elaboração e justificação do pensamento e do conhecimento.

### O Racionalismo

Historicamente, os filósofos sempre se referiram ao homem como um ser racional, alguém distinto dos demais seres e criaturas do reino animal. Parmênides afirmava que a realidade só poderia ser captada pela razão; já para Platão, a razão seria a verdadeira maneira e o mais seguro meio de chegarmos a conhecer as coisas (CHAMPLIN, 2002, p.544).

O Racionalismo consiste na crença de que a verdade pode e tem que ser obtida apenas pela razão. Esse conceito surge na sociedade moderna nos séculos XVII e XVIII com a sistematização do pensamento de Descartes e Spinoza. A ideia principal desse campo da filosofia é de que todas as coisas podem e devem ser explicadas por meio da razão e do intelecto. O Racionalismo surge na sociedade moderna como parte da reação ao pensamento absolutista da igreja medieval. Como princípio filosófico questiona a fé religiosa por esta ser destituída de fundamento e alicerces racionais.

Não foi à toa que o século XVIII passou a ser chamado de “o século das luzes”, o momento em que o homem sai das trevas da manipulação da igreja e se deixa governar pela sua própria mente. Essa nova postura do homem com relação aos mecanismos e instrumentos de interpretação da vida e da existência ganha sua definição mais forte nas palavras de Immanuel Kant. Ele afirmava que “o homem havia

chegado à idade da razão e da maturidade” (ELWELL, 1990) e, por isso, não deveria estar mais preso e submisso a nenhum credo ou confissão religiosa tornando-se, assim, o senhor e guia de sua própria história. Movido pela crença no progresso científico e na capacidade da razão, o homem passou a crer na felicidade e na criação de um mundo menos desumano e mais justo.

Podemos considerar que o Racionalismo foi, de fato, um divisor de águas, pois, sua difusão, que começou pela Europa e se espalhou pelo resto do mundo, levou o homem moderno a não se ver como um ser condicionado, mas como um ser emancipado, livre de todo o jugo religioso, das crenças e credences. A razão passou a ser privilegiada como a essência de todas as coisas. O motivo estava no fato de que para o iluminista a razão merecia maior confiança, levando-o, assim, a rejeitar e a considerar como *inverdade* tudo aquilo que lhe escapasse da compreensão. Além dessas implicações, sobre o homem enquanto ser de relação e interpretação, o iluminismo trouxe também mudanças de postura e de conceitos sobre as instituições e a sociedade em geral, através do questionamento de suas verdades absolutas, dogmas, posicionamentos e determinações.

O Racionalismo, negando o aspecto metafísico e religioso da sociedade, *racionalizou* a condição de humanidade, considerando o homem, livre para pensar sua existência e determinar seu próprio futuro, conscientizando-se da sua condição de sujeito da própria história e agente de suas próprias decisões e construções intelectuais.

## O Relativismo

Segundo Nicola Abbagnano:

O relativismo é a doutrina que afirma a relatividade do conhecimento, mas também de todos aqueles valores fundamentais da vida humana às épocas da história, consideradas como entidades orgânicas, cada uma das quais cresce, desenvolve-se e morre sem relação com a outra (1998, p.845).

O autor nos ajuda a perceber o Relativismo como uma teoria que diz que a base para nossos juízos, no processo de conhecimento e em todos os aspectos, difere de acordo com as pessoas, situações e acontecimentos, problematizando o conceito do que seja absoluto e concluído. No relativismo não há verdades absolutas e fixas, pois tudo está sempre num estado de sujeição e modificação.

Foi movido pelo espírito ceticista do renascimento e pela ideia de que todas as considerações éticas, metafísicas e comportamentais dependem do homem e não dos deuses, que nasceu a filosofia relativista e o Humanismo. No Humanismo, o homem é o centro e a base de interpretação de todos os aspectos internos e externos da experiência cotidiana. Subjetividade, individualidade e liberdade são os pilares desse sistema que tem no homem a base de todos os valores e atividades.

O debate entre o que está certo e errado sempre esteve presente na história da humanidade. O homem sempre debateu entre o que é verdade e o que não é, entre o falso e o legítimo, entre o real e o forjado. Assim, a grande mudança dessa época está no fato de que o homem busca a verdade a partir de si e para si mesmo, contrariamente às concepções predominantes da idade média e ao espírito autoritário dela decorrente. O Relativismo e o Humanismo mudam as lentes de interpretação do homem quanto à vida e o cosmos, propõem uma transposição do teocentrismo para antropocentrismo, um olhar humano mais horizontal e menos vertical, mais social e histórico e menos eclesiológico e determinista.

É a partir dessa perspectiva que o mundo ocidental passou a viver sob um novo signo, o de que não existem mais *absolutos*. Assim, o Relativismo problematiza os conceitos anteriormente afirmados, fazendo com que a verdade passe a ser avaliada do ponto de vista da subjetividade de cada sujeito e de sua relação com o objeto de conhecimento em cada época determinada.

## O Pluralismo

Do ponto de vista filosófico, o Pluralismo é concebido como uma diversidade de princípios ou de substâncias. Russel Norman

Champlin afirma que o Pluralismo “fala da idéia de que a existência compõe-se de muitas essências e elementos e que elas não podem ser reduzidas a uma única substância e realidade” (2002, p.303). Em diferentes momentos na história das civilizações, acompanhou o homem ao longo de sua trajetória. Vimos que, na sociedade arcaica, havia a presença de diversas castas e grupos étnicos; na sociedade medieval, destacava-se a existência de estados e corporações, o chamado pluralismo político; e, na idade moderna, deparamo-nos com um novo modo de pensar, ser e fazer as coisas, impondo, a todo tempo, uma mudança de conceitos e visão de mundo.

Numa dimensão axiológica, o Pluralismo propõe a idéia de que não pode haver uma única fonte ou princípio de determinação do bem, ou seja, o poder e o governo das coisas não podem estar centralizados em uma única instituição, partido político ou pessoa. Movido pelo espírito da filosofia relativista, o Pluralismo afirma que ninguém pode se colocar como sendo melhor ou superior aos outros; então, nenhum ser humano ou instituição pode se colocar como sendo a personificação do bem ou o protótipo da verdade absoluta.

O Pluralismo surge, na sociedade moderna, como uma reação ao fundamentalismo da igreja medieval que advogava para si o poder e o direito de dizer e determinar o modo das pessoas viverem, pensarem, de vestirem e de administrarem suas crenças. No fundamentalismo medieval, não há espaço para o princípio da alteridade e do diferente; pelo contrário, sua força está centrada na idéia de que a sociedade, para ser perfeita, tem que ser homogênea.

Na sociedade moderna, a diversidade se sobressai, ganha vida, adquire *cara*, mostra-se, ocupa espaços, revela jeitos e formas. Nela, o ser humano é convidado a lidar com as diferenças raciais, diferenças de credos, de cor, de sexo, de orientação sexual, de comportamentos, de concepções políticas e até diferenças nos modos de se vestir, de pensar e interpretar a vida. No Pluralismo, não há padrão, não há modelo, não há paradigmas; cada um é ímpar, singular na sua forma de ser e fazer a vida. O Pluralismo tem sua força na democracia e o seu valor consiste no respeito mútuo. Ele não aceita a privatização do ser, pelo contrário, prega sua liberdade, seu direito de ir e vir, de existir em toda a sua plenitude e capacidade. Defende a

tolerância e o diálogo, o bem-estar comum que impugna a tendência à concentração, ao constitucionalismo e à indivisibilidade.

O Pluralismo não se apresenta e não pode ser visto pela sociedade moderna como um processo de desintegração social, mas como um mecanismo de integração e de abertura à participação das minorias e dos grupos até então marginalizados e discriminados. Incentiva a integração dos diversos grupos e instituições sociais, promove sua aproximação valorizando as singularidades. A modernidade transportou o homem da cultura do “eu” para a cultura do “tu” e do “nós”, tirou o do gueto e lhe abriu os olhos para o mundo dos outros e das outras.

### *Desenvolvimento e Ascensão da Modernidade*

A modernidade indica o período da história ocidental que começa a partir do século XVII, depois do renascimento. Alain Touraine afirma que “A modernidade não é mais pura mudança, sucessão de acontecimentos; ela é a difusão dos produtos da atividade racional, científica, tecnológica e administrativa” (2002, p.17). Na modernidade, não existe determinismo, fatalismo ou predestinação; nela o que se sobressai é a racionalização do mundo, das organizações, das instituições e das atividades dos indivíduos.

A modernidade caracteriza-se basicamente pelo conjunto de mudanças operadas pelo homem através da sua nova postura com relação às instituições do poder e do ensino. Para a sociedade medieval Deus é o centro de todas as coisas, a base de interpretação do mundo e para o mundo. Aquele em torno de quem o mundo gira e os homens devem viver. Essa compreensão, e forma de entender a vida, serviu como fator determinante para levar os homens a verem a religião como a interpretação ou a manifestação do pensamento do divino, e as instituições como meio e mecanismo pelo qual o divino opera e realiza Sua vontade. Para o homem medieval, é a instituição religiosa e seus líderes que têm a função e a capacidade de proverem e conservarem o sentido, tanto para o agir quanto para o pensar dos indivíduos através da educação, da catequização e doutrinação. Na sociedade moderna, a base não é o divino, é o homem, que agora se vê

como ser capaz de submeter tudo ao crivo da racionalidade e da compreensão. A razão passa a ser vista como esse instrumento de despojamento de todos os elementos metafísico- religiosos, o caminho pelo qual a arte, a ciência, a moral e o direito foram dessacralizados. Na modernidade, a sociedade deixou de ser concebida em função dos princípios religiosos cristãos. O homem não é mais aquele simples espectador do universo, pois, agora ele sai da condição de subserviente para a de agente e mentor da sua própria existência.

Essa nova posição do homem com relação a si mesmo descentralizou e quebrou o monopólio das instituições do saber e do domínio, levando-as a um processo de modernização e secularização. Alonso Bezerra afirma que:

Para Max Weber o conhecimento teria se constituído em bases estritamente racionais [...], levando a ciência a tornar-se autônoma, ou seja, ela perdeu os laços que a prendia a religião ampliando o seu saber e dominando instrumental e organizativamente os processos empíricos, objetivando metodicamente a natureza [...]. A arte também teria experimentado semelhante processo de racionalização [...]. A arquitetura como expressão artística, teria adquirido, na modernidade, contornos e utilidade jamais vistos [...]. Na ótica de Weber, o processo de racionalização do mundo se faz presente também com a emergência da empresa capitalista e do Estado moderno [...]. Segundo Weber, a política moderna se estrutura em bases nas quais os homens seguem apenas as regras racionais da ordem estatal [...]. Todo curso das funções políticas internas do estado, da justiça e administração, é regulado [...] pelo pragmatismo das razões de Estado, que tem como fim absoluto salvar - ou modificar - a distribuição externa e interna do poder. (2005, p. 38-43).

A modernização alcançou as esferas econômicas, políticas e sociais, promovendo um processo de interação entre as instituições e o homem pensante. O homem se secularizou, voltou-se mais para as questões do *aqui e agora*, passando a preocupar-se menos com as questões do *ainda não*. A modernidade transportou o homem da cultura local para a cultura de massa, ou seja, um lugar e situação em que

o homem é a todo tempo confrontado com novas realidades, experiências e conteúdos.

Procuramos compor, neste estudo, como dissemos anteriormente, um diálogo entre teóricos que discutem as perspectivas da modernidade e da pluralidade e sujeitos que, entrevistados, trouxeram suas contribuições ao debate. Vejamos o que nos diz o entrevistado n.º. 5:

O mundo, que sempre foi um globo, hoje é muito mais uma aldeia, é muito mais esse local no qual tudo se passa quase que instantaneamente, embora parcelas significativas dessas populações não apreendam essas ocorrências instantaneamente porque lhe são negadas as condições de acesso a esta tecnologia, mas, para boa parte, isto é garantido, de forma que estas influências se manifestam também em termos de costumes, de atos, de idéias.

Dessa forma, a modernidade caracteriza-se por uma ação de ruptura que transporta o sujeito pensante para um ponto de partida alternativo e ambíguo. Nas palavras de Weber “a modernidade rompe a aliança e a unidade entre o céu e a terra” (2002, p.101).

A modernidade é, de fato, o período das luzes, dos novos entendimentos e das novas conclusões em todas as áreas e campos do saber e do fazer. É o momento em que a perspectiva do conhecimento sai do seu aspecto mítico e religioso para o aspecto empírico-científico; o pensamento sai da aldeia local para o universal e planetário, ganhando caráter de múltiplo, de diverso e de controverso. É o momento em que as culturas, dentro de determinados marcos teóricos, não são mais consideradas como uniformes e a história já não é mais vista como linear.

### *A Crise da Modernidade e a Cultura do “Pós-moderno”*

A modernidade surgiu no período renascentista e se cristalizou no período iluminista com a promessa de garantir ao homem um futuro promissor e mais seguro. Com a transposição do homem do mundo

das trevas da ignorância para a luz do entendimento e da razão, o que se viu foi uma grande crença no progresso da ciência e no desenvolvimento no campo industrial. Assim, o homem moderno se opôs à imposição das leis e dos monopólios da verdade, para transitar num mundo onde a dúvida vale mais do que as certezas e a busca mais do que a descoberta. Foi durante o século XIX que a modernidade viveu o seu triunfo e passou a ser definida através do crescimento da produção industrial, da racionalidade instrumental, do tecnicismo, da modernização das instituições e dos Estados e da criação de modos de produção que estavam voltados para o mercado de bens e serviços.

Conquanto a modernidade tenha se caracterizado pela esperança e pelo progresso científico e o desenvolvimento industrial, a verdade é que o homem moderno acabou tendo que encarar o drama da desigualdade social, das lutas de classes e do terror de duas guerras mundiais que acabaram levando-o a um processo de desencantamento e desilusão. É com base nesses altos e baixos da experiência e realidade moderna que se tem pregado a favor do surgimento da pós-modernidade. A cultura do *pós* tem sido defendida e ao mesmo tempo questionada por muitos teóricos.

De acordo com outro teórico, Perry Anderson (1999), a transição entre modernidade e pós-modernidade aconteceu nos cenários espacial, político e intelectual, e seu surgimento, do ponto de vista conceitual, se deu no mundo hispânico após a era dos “descobrimentos” e da Revolução Industrial, ganhando grande difusão a partir da década de 1970. Foi no campo da arte que a idéia do *pós* se fixou, influenciando a política e cristalizando-se no campo filosófico. A primeira obra a usar o termo *pós-modernidade* foi publicada por Jean-François Lyotard, “A condição pós-moderna”, em 1977. Sua ênfase baseava-se na mudança geral ocorrida na condição humana que estava intimamente ligada ao surgimento de uma sociedade pós-industrial que fez do conhecimento um mecanismo de produção econômica.

A compreensão do conceito do pós-modernismo descrita por Frederic Jameson (1999) tendia a encará-lo como prenúncio de uma degenerescência do próprio modernismo, a demolição das fronteiras entre os gêneros, classes e os velhos padrões de consumo, causando uma grande ruptura na maneira de ser, pensar e fazer as coisas. Para

Jameson, o pós-modernismo surgiu quando os fatores determinantes do modernismo passaram a ser substituídos: quando a ordem dominante burguesa perdeu a hegemonia; quando a tecnologia, através de sua evolução, conseguiu transformar a vida urbana no início do século com seu imaginário popular e, por último, quando houve uma mudança política com o triunfo universal do capital pragmático.

Partindo da idéia de que o pós-modernismo é mais do que um conceito, Jair Ferreira afirma que a modernidade deixou de existir na metade da década de 1990. Para ele “[...] a transição ocorreu nas ciências, nas artes e em todas as sociedades avançadas onde a comunicação se dá de forma rápida através dos meios de informação e simulação” (2005, p.7). A pós-modernidade, para Ferreira, caracteriza-se como um momento metafísico-religioso e todas as instituições de sentido passam a ser desacreditadas e não simplesmente questionadas, como se deu na modernidade. Ora, se na modernidade o homem é conduzido pelo ceticismo, na pós-modernidade este mergulha numa espécie de niilismo que o leva a um constante refazer e desfazer de idéias, regras, valores e realidades.

Por causa dessas nuances é que a pós-modernidade apresenta-se de modo eclético e dinâmico, permitindo a convivência de estilos no campo das artes, dos ritmos e dos conceitos sem a preocupação com a formação de um todo. Com base nessa convivência, é que a cultura do *pós* se sobressai, ganha espaços e se fundamenta, causando um grande impacto no campo cultural, social e político. Tendo como uma de suas marcas o subjetivismo, a pós-modernidade propõe a construção de um sujeito que a cada dia torna-se mais narcisista, individualista e adorador da sua própria imagem, uma espécie de culto ao “eu”. Por causa do seu apelo ao consumismo e à fragmentação das relações é que o sujeito que é “pós” pode acabar sendo parte de uma sociedade sem ideais, descompromissada com as causas sociais e as lutas de classes.

Considerando a ideia de que ser moderno é o mesmo que ser contemporâneo, Sérgio Paulo Rouanet (1987) faz uma análise do chamado mito do “pós”, dizendo que sua possível estrutura social, econômica, cultural, moral, artística e estatal nada mais é do que uma continuação de tudo aquilo que vem sendo desenvolvido e criado pelo

homem desde o iluminismo. Partindo da análise, tanto do ponto de vista histórico como prático de cada um desses aspectos, o autor afirma, de forma crítica, que aquilo que alguns chamam de *novo*, ele considera uma ilusão, ao passo que ainda continuamos sob o princípio da racionalização e, conseqüentemente, da modernidade. Usando expressões como *simulacro* (cópia imperfeita), *pastiche* (cópia servil), e *epigônico* (que pertence à geração seguinte), o autor descreve tudo aquilo que está sendo chamado de “pós”, no campo da arte, da arquitetura, da economia e da filosofia, dizendo que os critérios de aceitabilidade são os mesmos do período pós-renascentista. Assim, Rouanet afirma que a ilusão de se estar vivendo dentro de uma nova era é nada mais do que uma tentativa de se reagir às patologias da era presente, nesse caso, a Modernidade. Ora, dessa maneira, a consciência pós-moderna acaba sendo uma reflexão sobre si mesma e suas eventuais mudanças.

Para o sociólogo Boaventura de Souza Santos:

O projeto da modernidade era ambicioso e revolucionário, mas é também um projeto com contradições internas. Por um lado, a envergadura de suas propostas abre um vasto horizonte à inovação social e cultural; por outro, a complexidade de seus elementos constitutivos torna praticamente impossível evitar que o cumprimento das promessas seja nos casos excessivos e em outros insuficientes (2005, p.50).

Num diálogo com um dos sujeitos entrevistado em nosso estudo, codificado como o nº 2, pudemos observar suas concepções em relação à pluralidade e à modernidade:

Nós vivemos hoje a era da pluralidade que emerge de uma forte crítica da modernidade, nós vivemos esse momento, nós encontramos dentro da modernidade essa pluralidade que ao mesmo tempo é questionadora da modernidade [...], entendo que mediante a pluralidade nós estamos ensaiando profundos questionamentos à modernidade que nos leva ao que poderíamos chamar de pós-modernidade. Mesmo assim, com sérias ressalvas, entendo que nós não estamos na pós-modernidade, mas ensaiamos uma diferente postura

de vivência como nós conseguimos dentro da modernidade [...], a forte influência do modelo técnico-científico, a forte influência do modelo empírico positivista, a forte influência do racionalismo ainda vigente, sobretudo ligado ao processo educativo, ligado ao processo produtivo, econômico e a política ainda são pressupostos da modernidade e não de uma pós-modernidade. Nós podemos dizer que há uma falência da modernidade nessa perspectiva, mas não significa dizer que ela já esteja aniquilada, ao contrário, diante da falência, ela está se reciclando, se reformulando [...]. Toda crise já é termômetro de mudanças. Crise significa mudança. Entre os fatores que vão acelerar a crise da modernidade destacam-se dois: a crise ecológica e a crise vivencial dos seres humano; as relações afetivas vão puxar, serão o carro chefe das mudanças mais aceleradas que teremos que fazer. A natureza sabe, ela nos chama, ela nos fala, aliás, somos filhos dela, então como tal nós estamos olhando de outra forma, nós não estamos olhando mais como matéria prima, estamos olhando a natureza já como fonte de vida e algo intrínseco e inerente à constituição de vida da gente. Então, há mudança.

Já o entrevistado nº1 nos diz que:

Esta é uma briga dos teóricos, e eu acredito que para alguns nós estamos vivendo nos tempos modernos. Por exemplo, se a gente combate a questão da razão, a questão das grandes narrativas, estas questões são questões plantadas na modernidade, mas é a partir deste chão, que nós partimos para compreender as especificidades dos sujeitos. Hoje nós estamos discutindo, em nível de pós-modernidade, as questões do cotidiano, as questões micro. Daí, os discursos da micro-física, da física quântica. Estas questões que hoje estão adquirindo espaços nesses discursos pós-modernos. Então a pós-modernidade que valoriza as questões da razão, as emoções, os sentimentos, o sujeito na sua pluralidade, apontam para uma era pós-moderna. Por exemplo, na modernidade as coisas são muito estruturadas, as coisas têm um ar de organização. A pós-modernidade aponta para

um tempo de pós-estruturalismo, aponta para esta pluralidade, é desconstrução, mas não é destruição. O que é que significa e implica o fenômeno da desconstrução? Em repensar e reformular as verdades ditas absolutas, ditas e chamadas de acabadas, os pensamentos concluídos. Estas são questões que hoje muitos teóricos afirmam que são da pós-modernidade. Eu não gosto de dizer que se fechou, ou descaracterizou-se, ou passou a modernidade. Nós não podemos colocar esta segmentação, nós não podemos colocar fraturas em tempo histórico dizendo que a modernidade está ali, acabou. Agora é pós-modernidade. Esse passado na modernidade não pode ser visto como uma coisa morta, esse passado precisa ser visto como uma instância viva a ser reconstruída, desconstruída, mas não negada e destruída.

As falas dos entrevistados nos instigam a pensar sobre a configuração intelectual do pós e suas reais implicações. Vivemos o início de uma nova era ou no ápice de uma era atual? Que princípios nos orientam para discernir e representar o mundo onde vivemos? Como sujeitos históricos, não podemos desconsiderar o passado e tudo aquilo que nele foi construído. Assim, é preciso que vivamos a presente era de maneira discernível e inteligentemente, procurando sempre entender, segundo Rouanet (1987), o que é *caricatura* e o que são *formas truncadas* de pensamentos. Como sujeitos pensantes, precisamos refletir sobre as mudanças do tempo e da nossa época considerando que suas premissas e consequências precisam ser analisadas intensamente em todos os campos, a fim de que o conceito de *ruptura* não se transforme em um mecanismo puramente ideológico.

## **O Impacto da Modernidade Sobre a Instituição Educacional**

### *A Racionalização do Conhecimento*

O homem moderno é, por natureza, um ser inquieto. A Modernidade tem se caracterizado como um período de grandes mudanças no campo

do conhecimento, um momento em que as afirmações passaram a ser questionadas, os dogmas foram problematizados e a sociedade passou a olhar-se de modo diferente. O homem começou a ser guiado pela razão, passou a enxergar a vida com seus próprios olhos e a caminhar com suas próprias pernas e intenções. Houve uma mudança conceitual que acabou desembocando numa grande crise de paradigmas que afetou e vem afetando diretamente todas as instituições sociais. A igreja perdeu seu *status* de controladora dos homens e do cosmos, o Estado foi relativizado, gerando uma crise de hegemonia do poder, e a escola acabou tornando-se uma *ilha* cercada por um *mar* de novas informações.

A Modernidade caracterizou-se por um momento de ruptura do homem com as instituições e as antigas formas de saber. Sua consciência tornou-se autônoma e a racionalidade, seu mais seguro guia. O homem moderno é caracterizado pela racionalização, intelectualização e, sobretudo, por seu desencantamento e afastamento do mundo metafísico-religioso. Consideramos que esse homem descobriu-se e passou a se entender como sujeito histórico, conseqüentemente como um ser capaz de ler seu próprio mundo e, acima de tudo, capaz de intervir nele. Essa postura de ser histórico-cultural deu ao homem, como sujeito pensante, a capacidade de encontrar real significação para a sua existência. Isso se tornou possível porque, a partir da relação do indivíduo com o mundo, ele se descobriu como um ser de múltiplas relações.

A racionalização do conhecimento tirou o homem da condição passiva de receptor do conhecimento para a de sujeito produtor do conhecimento, do saber dado para o saber criado e recriado. Esse tipo de postura/comportamento levou o homem à compreensão de que o conhecimento não é um produto, uma mercadoria, uma coisa. Para o homem moderno, conhecimento identifica-se com relação, com interação e envolvimento com o mundo social, político, ecológico e ideológico. O fenômeno do conhecimento entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível pressupõe interação, correlação e ao mesmo tempo distinção e especificidade, levando o sujeito a modificar-se à medida que apreende as especificidades do objeto de sua análise.

A produção do conhecimento na modernidade passou a ser pensada a partir da sua essência, possibilidade e origem. O ato de repensar

o modo de conhecer as coisas surge como uma reação à postura ingênua do dogmatismo, um tipo de postura hermética, cuja atenção está voltada para o objeto e não para o sujeito em si. A posição dogmática que prevaleceu durante a era medieval passou a ser abandonada a partir da própria postura do ceticismo moderno que desconfia da própria verdade, passando a indagá-la e questioná-la. Foi a partir desses pontos de vista que o homem passou a questionar não só a verdade em si, como também a própria origem do conhecimento apresentado. Para o homem moderno, a origem do conhecimento evoluiu do aspecto revelacional e transcendente para o aspecto científico e empírico-racional.

Partindo da idéia de que o homem civilizado não encontra sentido para sua existência na morte e sim na vida, Max Weber (*apud* CARVALHO, 2005, p.99) afirma, através da explicação do mito da caverna de Platão, que o conhecimento, tanto científico quanto popular, precisa ter um fim prático. O objetivo disso não é limitar o homem à sombra e às aparências, mas de levá-lo a conhecer a verdade e a ser verdadeiro. Assim, um equívoco que um professor pode cometer é o de tentar levar seu aluno a ver e interpretar as coisas do mundo e o mundo das coisas com suas próprias lentes. Aos educadores cabe a responsabilidade de provocar, no aluno, o senso crítico, a capacidade de não só entender as coisas, como também, a motivação para questionar o porquê, o para quê e o modo de ser de cada uma delas. Como ser político, o homem precisa conservar sua integridade intelectual a fim de dar sentido às suas utopias, responsabilidades e às suas ações. Ao professor, em uma perspectiva científica, cabe esclarecer e não simplesmente tentar convencer as pessoas; sua tarefa principal é levar seus alunos a perceberem e discernirem os fatos, as ações e os valores que estão à sua volta.

Vimos, assim, a necessidade de repensar nossas concepções, pois, o que pretendemos não é a obtenção da informação pela informação, mas a formação do ser a partir dele mesmo e das especificidades do seu mundo, fazendo da educação um instrumento de diálogo e não de alienação, como fora nos séculos passados.

O entrevistado nº1 analisa essas possíveis implicações afirmando:

A questão da modernidade me lembra a questão da racionalidade e supremacia, a modernidade enalteceu a capacidade racional do sujeito. Então, o sujeito de razão é um sujeito educado. Não é um sujeito só de razão, é um sujeito de emoção, é um sujeito de valores, de sentimentos, mas é um sujeito racional [...], este sujeito educado sofre sem dúvida alguma a influência da modernidade, pois ele é, sobretudo, um sujeito de razão.

Para o entrevistado nº3 o impacto é ainda mais significativo; por isso, ele descreve a educação na modernidade como sendo

A própria expressão dessas influências por que ela abarca isso e ela influencia isso. A modernidade é o resultado de um processo educacional, mas ela também provoca mudanças nesse processo; há uma interatividade entre a época e a educação porque a educação é um processo histórico, a educação como processo histórico é um processo que se dá no tempo e no espaço.

### *A Problematização dos Conteúdos*

A prática pedagógica no Brasil, durante grande parte do tempo, a partir do processo de colonização, revelou-se bancária. Com a chegada dos jesuítas no século XVI, o que se estabeleceu foi um ensino cuja postura era dominante e alienante. Além de estar voltada para um grupo específico de pessoas, o que se pretendia era fazer da educação um instrumento de alienação e manipulação. Manipulação porque a educação estava a serviço dos colonizadores que, na intenção de possuírem e explorarem a terra, acabaram *roubando* a consciência do povo. Através de uma ação depositária, os docentes submetiam os discentes à sua maneira européia, descontextualizada, medieval e religiosa de encararem a vida e o mundo.

Foi com base nesse tipo de ideologia que a educação se estabeleceu e se desenvolveu durante muitos anos nesse país, uma pedagogia da opressão e da exploração, uma pedagogia do opressor, cuja

prática era conteudista, repetitiva e hermética, capaz de levar as pessoas a acreditarem em muitos sofismas como se fossem verdades; uma educação, divisora da sociedade, discriminatória e desprovida do senso da realidade e de responsabilidade.

Com a desmistificação do conceito, do lugar e do modo da educação na modernidade, o educador se viu diante de uma sociedade que autodefine-se como plural e não mais como uniforme. Com o relativismo, a sociedade moderna saiu do gueto do fundamentalismo medieval e passou a circular nas *ruas espaçosas* do outro e do diferente, da pergunta e não da resposta em si. Essas mudanças trouxeram, sobre a escola e o educador, as exigências tanto da reflexão quanto da flexibilidade dos conteúdos, contribuindo para que o sujeito pensante passasse a ser visto pela ótica da cultura e perfil social do seu próprio grupo. Peter Berger e Thomas Luckmann dizem que:

O pluralismo moderno desacredita o conhecimento auto-evidente. Mundo, sociedade, vida e identidade são, problematizados, sempre com mais vigor. Podem ser submetidos às várias interpretações e cada uma delas está ligada com as suas próprias perspectivas de ação. Nenhuma interpretação, nenhuma perspectiva podem ser assumidas como únicas em validade ou serem consideradas inquestionavelmente corretas (2004, p.54).

Não se deve pensar que aquilo que é plural é complexo e, por ser complexo, torna-se ininteligível. Partindo da idéia de que o que não é complexo não pode ser confundido nem visto de modo puramente simplista, Edgar Morin afirma que “A complexidade não é um fundamento. É o princípio regulador que não perde de vista a realidade do tecido fenomênico no qual estamos e que constitui nosso mundo” (2006, p.105). A complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução, que não propõe a eliminação da simplicidade, mas que também não pode ser confundida com completude. Não se trata, contudo, de uma simplificação nem de um empobrecimento, mas de uma forma específica de apresentação de ideias. Dessa forma, afirma ainda, Morin:

Estou em busca de uma possibilidade de pensar através da complicação (ou seja, as infinitas interretroações), através das incertezas e através das contradições. Eu absolutamente não me reconheço quando se diz que situo a antinomia entre a simplicidade absoluta e a complexidade perfeita. Porque para mim, primeiramente, a idéia de complexidade comporta a imperfeição já que ela comporta a incerteza e o reconhecimento do irredutível (p.102).

Assim, o autor propõe a dialetização entre o pensamento analítico-reducionista e o pensamento da globalidade. Conquanto a vida nesse mundo moderno seja muito mais do que um simples existir, e a desordem social muito mais do que uma conjecturação, faz-se necessário considerarmos o homem como um ser biológico, mas também cultural e cercado por um mundo de ideias que se manifestam através dos mais variados tipos de linguagens e de tomada de consciências.

O conceito do *uno* encontra sua razão de ser no múltiplo e o de *unidade* no campo da pluralidade; ao passo que, aquilo que para muitos é sinônimo de desordem, para outros se torna caminho para a compreensão da vida que se dá no cotidiano de cada indivíduo. Nessa sociedade, onde o *uno* e o *múltiplo* se encontram a todo tempo, vê-se o homem assumindo a si mesmo, através do exercício de vários papéis e funções, uma multiplicidade de personalidades que se manifestam ao longo de toda sua existência. É a partir daí que os conceitos de ação e intenção se fundem e, ao mesmo tempo, se desintegram. Fundem-se porque, no início, o objetivo ganha ares de algo puramente linear, todavia, ao longo do processo, o que se percebe é uma total assimetria, capaz de torná-los mutiladores da própria realidade do ser, fazendo com que o complexo não seja reduzido a uma simples lei, nem o simplismo a algo puramente descomplexo.

Ora, foi justamente contra o tipo de ação pedagógica bancária, simplista e hermética que Paulo Freire (2005) se opôs. Um modelo de concepção bancária que só serve como mecanismo de opressão. Considerando a idéia de que a ação pedagógica precisa ser problematizadora e não simplesmente repetidora de conteúdos, Freire denuncia as consequências da prática alienante e passa a propor outra, com base no aspecto crítico, mediador e libertador.

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isto não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele; na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão de mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores (p. 118-119).

Como educadores, precisamos, a partir das lições aprendidas com e na história da humanidade e da educação, compreender que a prática é muito mais do que ação pela ação; é acima de tudo, ação com reflexão; é práxis que acontece e se aprofunda à medida que o sujeito se vê como um ser histórico que produz e interage com sua realidade e seu mundo. Práxis que, segundo Bobbio, Matteuci e Pasquino, (2004, p.987),

[...] representa na história do pensamento ocidental o elemento central de filosofias como o marxismo e o pragmatismo. Na primeira abordagem, ele significou a unificação da modificação e interpretação do mundo, como escreveu Dewey, identificar o verdadeiro e o verificado. Mas, verificado não exprime aqui uma passiva adequação ao real, mas o resultado de ações nele levadas a termo.

Em outras palavras, entendemos que a práxis é de fato o fundamento e, ao mesmo tempo, o instrumento da transformação. Assim, precisamos sair do campo da ação antidialógica e mergulhar no mundo da mediação dialógica, que é capaz de levar o homem a um estágio de maturidade chamado de conscientização. Nesse sentido, o entrevistado nº1 diz que

[...] é através do dialogo na sala de aula, da discussão na sala de aula que as questões da pluralidade podem vir à tona. Por exemplo, eu quero discutir a diversidade cultural, eu estou discutindo pluralidade, discuto na sala de aula, discuto na relação do ensino e aprendizagem.

A conscientização não é a ação imposta de um sujeito para o outro, não implica em ser conduzido, mas em conduzir-se ao lado de outrem; logo, implica um ato de descoberta por parte do próprio homem. Referimo-nos à necessidade e capacidade que o homem tem de compreender seu mundo e discernir os caminhos de sua existência. Num mundo globalizado e pluralizado, faz-se necessária uma pedagogia que não sirva apenas aos interesses de alguns, mas aos interesses de todos, a fim de que possamos construir, com o outro, uma sociedade mais justa e menos desigual. Onde quer que haja uma ação pedagógica que seja “a do oprimido” faz-se necessária uma mudança capaz de substituí-la pela pedagogia da problematização, da pergunta e não simplesmente da resposta; uma prática pedagógica que esteja voltada para a perspectiva da esperança e da mudança. A Modernidade traz, para o professor, a implicação de que ele precisa assumir a postura de um educador sociológico e antropológico, a de alguém que avalia e se relaciona com os discentes através de diversos olhares e perspectivas. O olhar de quem encara a vida e a educação pelo prisma de sua potencialidade e não simplesmente de sua previsibilidade.

### *A Relativização Cultural*

Pensar sobre sua própria realidade e seu mundo é uma especificidade puramente humana. O homem é o único ser capaz de compreender e apreender os aspectos pertinentes à sua existência. É o único ser que tem não só a consciência, mas também a capacidade de intervir nela. E justamente, essas habilidades fazem do homem um ser de relação, um ser que se comunica e que se faz compreender através dos processos de comunicação e interpelação. Por identificar-se como um “ser” de relação e intervenção é que o homem pode, também, descrever-se como um filósofo por natureza, sendo alguém que, existindo no mundo e para o mundo, não pode jamais assumir uma postura de neutralidade. A modernidade foi considerada como o início de um novo tempo com sua tecnologia e toda sua potencialidade. Todavia, apesar de todo seu desenvolvimento, deparamo-nos com a realidade de um mundo que, a cada dia se “desintegra” e se problematiza.

A crescente velocidade com que as informações são transmitidas tem levado o homem a questionar as instituições do saber tradicional como a escola, a igreja, a família e o Estado. Essa atitude crítica do homem moderno é resultado da necessidade de revisão de conceitos e informações, o que tem simplesmente contribuído para o desapego e a suplementação de tais conteúdos. É nesse desapego que consiste a crise de sentido do homem moderno. Pois se no passado ele era orientado e conduzido por influências externas, agora está sendo forçado a se autoconduzir, a tentar interpretar o mundo e seus fenômenos com suas próprias lentes e raciocínio. A razão é seu guia e sua experiência é a base para o desenvolvimento e o entendimento de sua subjetividade que, por sua vez, é reflexo de um mundo que já não possui valores comuns e nem mesmo uma realidade única para todos. O Relativismo tornou-se uma das principais marcas da modernidade, pois agora, segundo Berger e Luckmann, os antigos sistemas de interpretação foram “descanonizados” dando lugar ao Humanismo de Weber. O secularismo minou o monopólio das instituições e as reduziu a uma posição de algo puramente secundário.

Relativização, cultura e educação são expressões e aspectos da experiência humana que se correlacionam e não se separam. É a partir dessa compreensão, e das implicações que a modernidade impõe sobre o homem moderno e o processo de ensino e aprendizagem, que Paulo Freire analisa e propõe uma prática pedagógica que visa levar o educando a libertar-se do estado de sujeito oprimido, para a condição de liberdade e produtor do próprio conhecimento. Em “Pedagogia da Esperança” (1992), Freire amplia essa discussão a partir de novos aprendizados e novas avaliações. Essa análise ampliada é o resultado de seu contato com pessoas de muitos lugares, muitas nacionalidades e vários tipos de classes sociais.

Partindo da análise da relação política das pessoas com grupos e segmentos os mais variados possíveis, o autor discute o problema e as implicações da ideologia autoritária que visa manipular as minorias, os índios, os negros, os pobres, as mulheres e os camponeses. Gente atuante no mundo, gente que faz história, produz conhecimentos, realiza descoberta, mas que se vê totalmente vítima do “poder” das classes dominantes. Começando do povo e para o povo, Freire lança mão de

uma prática pedagógica que se descobre e se fundamenta na própria experiência do educando, uma prática que não o anula, mas que se faz a partir de suas falas e de sua própria maneira de ver, entender e ser no mundo.

“Por uma Pedagogia da Pergunta” (1985) é outra obra importante nessa discussão. Ela é o resultado de uma conversa entre Paulo Freire e o filósofo chileno Antonio Faundez. É um diálogo que pretende mostrar que a reflexão da prática é tão importante quanto a prática da reflexão, desvelando para nós que estamos tão acostumados com ensaios, textos densos sobre teorias e muito mais, que a pedagogia da pergunta é, de fato, mais importante que a pedagogia da resposta. Seu conteúdo vai da análise de vários conceitos até a reflexão de experiências concretas como o exílio e o contato com os mais diversos tipos de pessoas e culturas, além da avaliação de muitos projetos realizados nos mais variados lugares, situações e contextos.

Pluralidade é um conceito que perpassa o diálogo de Freire e Faundez, sendo, a todo tempo, apresentado como padrão da própria sociedade, contribuindo, assim, para a democratização do poder. “Poder”, eis aí outra temática do livro. É interessante notarmos como os protagonistas dessa conversa foram alvos da manipulação do poder. Foram eles mesmos testemunhas oculares das implicações e do mau uso do poder. É com base em muitas experiências que os autores desse livro vão refletir sobre a prática, mostrando para nós que a filosofia é, verdadeiramente, um instrumento de interpretação da realidade. É através dela que os sofismas são desmascarados e as ideologias interpretadas e desveladas de forma real, de modo a contribuir para a libertação do sujeito oprimido e sua natural ascensão.

Considerando a pluralidade e a especificidade de cada lugar e pessoa, os autores nos convidam a olhar e fazer do exercício docente um meio de despertar a curiosidade, tanto daquele ensina como daquele que aprende. Esse exercício visa explicitar os fatos e aspectos mais comuns da vida de cada um, a fim de se construir uma relação mais ética, justa e politicamente democrática. Baseados nisso, é que podemos compreender que o verdadeiro e libertador conhecimento se dá não na resposta, mas na pergunta que, segundo Sócrates, é o princípio de toda a sabedoria e descobrimento. “Por razões de método (e não por

incapacidade de Sócrates), seus diálogos levantam uma questão, mas não dão a solução. Servem para pôr o interrogado no caminho da solução para que ele mesmo a encontre” (*apud* MONDIN, 2003, p.48).

O constante questionamento é o que faz da pedagogia um ato político capaz de nos levar a mudar a nossa visão de mundo, assim como nossa forma de nos relacionarmos com ele e com o “diferente”. É a pergunta e não a resposta que torna possível a reinvenção da pedagogia e, conseqüentemente, o conceito de poder. Este não deve ser considerado apenas como sinônimo de supremacia de uns sobre os outros; precisa ser encarado como mecanismo de promoção do bem social e não apenas individual. Somente uma pedagogia da pergunta (FREIRE E FAUNDEZ, 1985) poderá levar-nos à produção de um projeto político-pedagógico que seja o resultado de uma análise histórico-cultural, antecedida e precedida pela contextualização.

Como sujeitos que vivem num mundo globalizado, não podemos repetir o modelo de ensino jesuítico que impedia os discentes de pensarem sua própria realidade a partir dela mesma e segundo eles mesmos. Precisamos de uma prática que aconteça de forma contínua, que seja criada, recriada e não simplesmente implantada. Uma prática que considere o inacabamento e a relativização do sujeito no processo de ensino e aprendizagem, mas suficientemente capaz de mudar sua própria realidade e contexto.

Para o entrevistado nº 5, a relativização cultural implica ver a educação como

[...] um processo de socialização a partir do qual o ser humano é convidado a receber toda herança cultural do seu tempo e incorporá-la e reeditá-la com o compromisso também de repassá-la às novas gerações. Educação traz, portanto, um compromisso para os seres humanos, para os grupos sociais, para as sociedades no sentido de se tratar de uma educação unilateral, isto é, uma educação voltada para o desenvolvimento de todas as potencialidades de todos os homens e de todas as mulheres. Isto significaria, de antemão, fazer o ser humano exercitar as suas potencialidades artísticas, culturais, as suas potencialidades

de trabalho em todas as dimensões de gênero, de etnia, de especificidade, de geração, de religiosidade e assim por diante.

Relativização cultural e educação são de fato aspectos de um caminho esperançoso que nos ajuda a considerar o presente e o outro, sem querer repetir os erros do passado, e a construir o futuro sem fechar os olhos para os novos horizontes.

### **Considerações finais**

Embora saibamos que a modernidade foi e tem sido celebrada como o período das “luzes”, como o caminho do futuro com sua tecnologia, suas descobertas, sua confiança na razão e crença no progresso científico, torna-se necessário considerarmos que, após todos esses séculos de desenvolvimento, ainda convivemos com um mundo marcado pela pobreza, analfabetismo, monopólios, conflitos de classes sociais, exploração da classe trabalhadora e concentração de renda. Esses indicadores de indignidade social devem nos levar, como sujeitos pensantes, históricos e políticos, a refletir sobre a necessidade de avaliar a era atual com base nos critérios da modernidade que apontava para a emancipação do sujeito e a construção de um mundo mais justo e menos desigual.

Por pretender a construção de um homem solidário, fraterno e aberto para o outro, o diferente e o mundo é que a educação pode ser pensada a partir do sujeito e de sua realidade. A educação pode ser vista como o meio pelo qual o indivíduo aprende a (des)aprender e, (des)aprendendo, passa a aprender a aprender através de um constante processo de construção, desconstrução e reconstrução do sujeito inacabado. Pensar a educação sob a influência da pluralidade e da modernidade é considerar o homem como um ser político, histórico e criativo, um ser de relação e intervenção, aberto ao novo e aos novos horizontes de sua existência. É pensar a educação como forma de ser e não apenas de fazer as coisas; é ousar fazer, reinventar, é abrir os olhos para a vida e a vida para novas experiências e saberes. Pensar

a educação com os óculos da modernidade é um convite à reflexão não somente das nossas práticas, mas também dos nossos conteúdos, interesses e ideais.

A partir dessa análise, propomos: primeiro, a problematização dos conteúdos, considerando que a pedagogia da resposta precisa ser substituída pela pedagogia da pergunta e dos questionamentos; segundo, uma prática contextualizada, ou seja, que tenha como ponto de partida a pessoa, a realidade e o mundo do discente. Por último, a produção de um projeto político-pedagógico que não seja tecnicista, frio e indiferente às exigências do mundo, um projeto que sirva como fator norteador para o pensar e o fazer da escola, que seja, acima de tudo, humano e coerente com a realidade e tenha como princípio o respeito ao outro; e, por finalidade, a emancipação do sujeito e a intervenção social. Educação, globalização e democratização cultural nos levam a considerar que a modernidade nos transportou da cultura local para a cultura de massa, para um lugar e situação em que nós somos, a todo tempo, confrontados com novas realidades, experiências e conteúdos. A globalização é uma realidade que representa um grande desafio para as escolas, aos educadores e aos educandos de todo o mundo. Globalização, cultura e educação relacionam-se pela lógica de seus sujeitos e essências. Tanto o primeiro como os demais têm no homem seu objeto e seu agente, seu alvo e seu instrumento. Isso faz com que a interdisciplinaridade seja pensada e vivida como marca desse pensar dialético que não pode se fechar às exigências de uma nova realidade. Falar de interdisciplinaridade, num contexto de um mundo globalizado, é voltar-se para a educação, para o educador e suas relações com a escola, o mundo e a sociedade. É pensar sobre a necessidade de se sair das posturas tradicionais e herméticas da educação para uma prática que tem, no diálogo com outros conteúdos e ideias, a base de uma proposta pedagógica que vai além das técnicas e das tecnologias. Uma prática com conteúdo científico-filosófico que seja capaz de capacitar o homem para seu viver social e histórico, transformando, assim, o mundo, a realidade e a si próprio como ser social e político.

## Notas

<sup>1</sup>Fragmento de trabalho monográfico apresentado ao Núcleo de Iniciação Científica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA).

<sup>2</sup>Graduando concluinte do Curso de Pedagogia da FAFICA, em 2008. ezo.silva@hotmail.com

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. Martins Fontes: São Paulo, 1998.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ARDUINE, Juvenal. **Antropologia: ousar para reinventar a humanidade**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BOBBIO, Norberto. et al. **Dicionário de política**. vols.1 e 2. 12. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

CARVALHO, Alonso Bezerra de. **Max Weber: modernidade, ciência e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia**. vols.1, 3, 4 e 5. São Paulo: Hagnos, 2002.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico teológica da igreja cristã**. v.2. São Paulo: Vida Nova. 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**: um encontro com a pedagogia do oprimido. 13. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 24<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MONDIN, Batista. **Curso de filosofia**: os filósofos do ocidente. v.1, 12. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Curso de Filosofia**: os filósofos do ocidente. v.2, 9. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry, et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed., São Paulo: Atlas, 2007.

ROUANET, Sergio Paulo. **As razões do iluminismo**. 2. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo. Brasiliense, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. v.1, São Paulo: Cortez, 2005.

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **Educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. 7. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

### **Modernity and education: the relations and challenges of the man before the ancient and the new ways of knowledge**

**Abstract:** The research enrolls in the speeches and debates over the rationalism, relativism and the plurality in the Brazilian educational, social and historic context. The aim of the work is to analyze the implications of the modernity's impacts over education and the modern man. The text reasons the appearing of modernity, its development, its crisis and the discussion around the concept and of "postmodernism's" culture. Its impact over education, with respect to rationalization of the knowledge and its conceptual change, ended up emerging in a great crisis of paradigms that straight affected the social institutions, the problematization of the contents with its implications to the practice and posture of the teacher and the cultural revitalization, as expressions and aspects of the experience, of the potentialities and living of the student body. At last, the research aims to identify the presuppositions of modernity in the light of the pedagogical discussion in discoveries, limits and possibilities, understanding that the beauty of its existence consists of an eternal come to be in the ambit of a globalized culture and democracy.

**Keywords:** modernity; plurality; education.

Recebido em abr. de 2008

Aceito em jul. de 2008